



UNHINGED

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

JANE HENRY

ÍNDICE

[Página de título](#)
[Direitos autorais](#)
[Conteúdo](#)
[Aviso de gatilho](#)
[Sinopse](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Epílogo](#)
[Epílogo bônus](#)
[Reis Bratva](#)
[Visualização](#)

[Conheça Jane](#)

DESEQUILIBRADO

UM ROMANCE SOMBRIO DE PERSEGUIDORES DA MÁFIA

REIS BRATVA

OceanofPDF.com

JANE HENRY



OceanofPDF.com

Desequilibrado: Um Romance Sombrio de Perseguidor da Máfia

Copyright © 2025 por Jane Henry

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra literária de ficção. Quaisquer nomes, lugares ou incidentes são produto da imaginação do autor. Semelhanças ou semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos, são mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha de livro.

A reprodução, transmissão, distribuição ou uso não autorizado de obras protegidas por direitos autorais no treinamento de Inteligências Artificiais (IA) é ilegal e uma violação da lei de direitos autorais dos EUA.

Fotografia de capa por Wander Aguiar

Design de capa por The Book Brander Boutique

ISBN: 978-1-961866-30-0

OceanofPDF.com

CONTEÚDO

[Aviso de gatilho](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Epílogo bônus](#)

[Reis Bratva](#)

[Visualização](#)

[Conheça Jane](#)

OceanofPDF.com

AVISO DE GATILHO

Atenção, leitores : Este é um *romance sombrio* . *Unhinged* contém sequestro, CNC, enjaulamento, BDSM, consentimento duvidoso e menções anteriores a abuso e violência gráfica.

OceanofPDF.com

SINOPSE

Anissa Laurent é um fantasma — uma mestra da enganação, uma mulher que se esgueirou pelas fendas do submundo. Indetectável. Intocável. Não reivindicada. Até mim.

Minha missão de vida era encontrá-la, arrastá-la de volta para onde ela pertence e puni-la por sua traição.

Rastreei todas as identidades falsas até encontrá-la, mas não tive pressa. Estudei a maneira como ela respira, a maneira como se move, o que ela ama e o que ela odeia.

Ela achou que podia fugir. Achou que podia se esconder. Achou que podia escapar impune depois de trair minha família.

Mas eu não sou um homem que abre mão do que é meu.

Ela foi feita para ser quebrada, para ser possuída, para carregar minha marca da forma mais primitiva possível. Eu não vou simplesmente tomar o corpo dela — ela também terá meu bebê.

Mas eu não esperava que ela estivesse tão destruída quanto eu. Não esperava que ela lutasse como se não tivesse mais nada a perder. E agora, eu não quero apenas prendê-la numa jaula — eu quero possuí-la.

Ela vai me amaldiçoar. Ela vai me odiar. Ela vai arranhar, morder e gritar meu nome com fúria e prazer. Mas, no fim das contas, não importa. Porque não há como escapar do passado dela... e definitivamente não de mim.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO I

OceanofPDF.com

MATVEI

A MARCA NÃO É o mesmo nível de dor de uma tatuagem, e não sei por que deixei Rodion me convencer do contrário.

Mas esta não é apenas a minha marca. É o meu voto de jurar minha alma à Bratva, minha promessa de dar cada grama do meu ser aos meus irmãos Bratva.

Sento-me num banquinho, com os molares travados, os pés presos sob os degraus para não cair. Puta merda.

"Como está essa dor, mano?" Rodion, meu primo mais novo e melhor amigo, está a alguns metros de distância, estrategicamente fora do meu alcance, com os braços cruzados sobre o peito.

"*Parece tinta*", zombo. Olho feio para ele. "Vou chutar sua bunda."

Não parece tinta. Parece penitência.

Rafail, o chefe da família Kopolov Bratva e meu primo mais velho, balança a cabeça.

"Ele está prestes a nascer", murmura.

Vadka aperta os lábios, com uma expressão de concentração no rosto. Desvio o olhar enquanto ele pressiona a marca nas minhas costas. Fecho os olhos e tento me transportar mentalmente para fora daqui, mas não funciona. A dor é muito crua, muito vívida. Minha garganta arde de tanto engolir um grito, o fedor nauseante de carne queimada preenchendo o quarto. Alguém faz um som de ânsia de vômito.

"O que ele te disse?", pergunta Vadka, fazendo um ótimo trabalho para esconder sua diversão.

Solto o ar pelo nariz. "Disse que parecia uma tatuagem."

Vadka bufa, mas mantém a mão imóvel. "Você definitivamente deveria dar um chute na bunda dele por isso, mas *você é* o idiota que acreditou nele. Como uma agulha furando pode ser a mesma coisa que um ferro em brasa marcando sua pele?"

Se uma tatuagem é um corte de papel, uma marca é um corte de membro.

Jesus.

A dor faz o suor escorrer pela minha testa. Preciso parar de pensar nisso.

Então, em vez disso... penso em Anissa.

A mulher que traiu minha família. A mulher que é *minha*.

Anissa fodendo Laurent.

A fugitiva. O fantasma. A garota que conseguiu escapar da corda do pescoço e desaparecer no ar como um mito. Mas minha mente é um cofre de todos os detalhes que reuni ao longo dos anos em que a segui.

Irmã de Polina Kopolova, *esposa do meu pakhan*. Ambas são peões em um jogo brutal de vida ou morte, e nenhuma sabia da existência da outra. Anissa ainda não sabe.

Às vezes ela é loira, às vezes ruiva, às vezes baixa ou tingida de preto. Seus olhos são de um azul marcante, mas frios. Sempre analisando. Observando. Ela olha para o mundo como se fosse uma ameaça para ela.

Eu quero ser aquele que faz com que ela pareça daquele jeito.

A boca dela — lábios carnudos que sorriem como se ela soubesse de todos os segredos que você já guardou, presunçosa porque é inteligente o suficiente para apagar identidades completas. E logo acima daqueles lábios carnudos, ela tem uma marca de

nascença pela qual sou obcecada. Imagino pousar meu dedo ali quando finalmente a tiver preso embaixo de mim.

"A próxima parte é a mais difícil. *Respire*," Vadka me lembra quando levanta a marca maior, tão quente que consigo ver o vapor subindo dela no ar frio do porão.

"Porra", diz Rodion, empalidecendo. Talvez seja ele quem esteja fazendo aquele som de quem está prestes a vomitar. Imagino a sensação satisfatória do meu punho acertando seu maxilar.

Fecho os olhos e respiro pelo nariz. O problema é que não é só a dor, mas a forma como o cheiro de carne queimada me traz de volta a pior lembrança da minha vida, aquela que tento enterrar.

Lembro-me de como as paredes do porão do The Cottage absorviam os sons dos gritos do meu irmão, o chão de cimento escorregadio com o sangue dele. Fiquei de pé, com os braços cruzados sobre o peito, enquanto uma fria decisão se acumulava em minhas veias. Meu irmão nos traiu. Tive que vê-lo morrer. Meu irmão mais novo, aquele que eu protegi e criei pela metade, aquele por quem eu daria a minha própria vida, cometeu o pecado imperdoável da traição. Ele trocou seu sangue por um bolso cheio de promessas dos nossos inimigos.

E agora, estou caçando a garota que fez a traição parecer fácil.

Ela fugiu do meu *pakhan*, zombaram da nossa família e depois uniram forças com nossos inimigos. Fizeram o mundo inteiro pensar que éramos fracos.

Assim como meu irmão.

Gleb estava pendurado na nossa frente, com os pulsos em carne viva e sangrando por causa das algemas — um aviso vivo do que acontece quando você quebra o *Vorovskoy Mir*, o Código dos Ladrões.

"Conte-nos as três leis que você jurou cumprir", disse Rafail. Quando éramos mais jovens, Rafail agia como um irmão mais velho para todos nós. Ele era severo e inflexível, nosso guia e amigo. Agora ele era nosso *pakhan*. O líder interino da nossa Bratva, aquele que pediu a execução do seu primo. Meu irmão.

E eu jurei que assistiria a cada segundo brutal e angustiante.

Eu havia falhado com meu irmão mais novo. Era *minha responsabilidade* ensiná-lo a obedecer à lei da Bratva. Fui *eu* quem o ensinou a andar de bicicleta, a fumar um baseado, a transar bem e gostoso com uma garota e a fazer com que ela voltasse para mais. Fui eu quem o socorreu quando ele errou, mas naquela noite — naquela noite, fui eu quem queimou as tatuagens dele antes que ele enfrentasse o castigo final por seus pecados contra nós.

Fiz um voto de sangue quando tinha dezoito anos. E morrerei antes de quebrá-lo.

Assim como Gleb fez.

O Código dos Ladrões era inflexível:

A Bratva vem antes de tudo.

Nunca coopere com as autoridades.

Nunca, jamais traia seus irmãos.

Há uma razão pela qual somos temidos, uma razão pela qual a marca da Bratva faz as mulheres abraçarem seus filhos mais perto quando passamos e os homens adultos tremem.

"Terminamos."

Meus olhos se abrem de repente. Alguém pressiona uma garrafa de vodca contra meus lábios. Bebo como se estivesse morrendo de sede. Ajuda um pouco.

Sento-me mais ereta. Cada célula do meu corpo parece concentrada nas minhas costas, a dor gravada na minha carne, latejante, implacável. Agarro o gargalo da garrafa e tomo outro gole.

Vodka lista instruções para curar a marca. Eu mal o ouço.

Derramei meu sangue e fiz um juramento. Que me marcassem. Fiz o que tinha que ser feito.

Agora, *ela* é o próximo passo. Minha oferta. Minha prova de lealdade.

Minha obsessão.

Cerro os dentes e penso nela.

O fugitivo. O traidor. Meu fantasma.

Aquele que fugiu do meu *pakhan*, mas fez de todos nós idiotas. Rafail seguiu em frente. Graças à insensatez do meu irmão, Rafail se casou com uma mulher que ele pensava ser Anissa enquanto Anissa fugia.

Impune.

Ela é minha. Eu vou possuí-la. Cada centímetro, cada respiração, cada grito. Ela ainda não sabe, mas já me pertence.

Já consigo imaginá-la ofegando debaixo de mim, marcada por mim. Quero preenchê-la, criá-la, torná-la minha de maneiras que ninguém jamais poderá desfazer.

Rafail está parado na minha frente, com os pés plantados em cada lado, os braços cruzados. Ele está de terno, ainda usando o paletó, como sempre.

"Eu te aviso quando tivermos a nossa reunião, Matvei", diz Rafail.

Embora Rafail tenha um casamento feliz, os homens da Bratva não esquecem a traição. Rafail não esqueceu. Ele sabe exatamente por que a data específica importa. Eu o encaro e aceno. "Eu espero."

Os outros observam com curiosidade, mas ainda não é hora de explicar por que as datas importam. E Rafail não dá a mínima para quem sabe o quê; ele contará quando estiver pronto.

Mesmo respirando pelo nariz, com o corpo latejando de dor, o orgulho me invade o peito. A tinta marca o sinal da Bratva, mas marcar significa algo completamente diferente. E Rafail confia em mim.

Londres.

Perfeito. Meu primo Semyon orquestrou uma proposta, uma coalizão dos sindicatos criminosos mais poderosos do mundo, buscando asilo. Todos se reúnem em Londres. O clã de Keenan McCarthy, da Irlanda, agora liderado por seu filho. Os Rossis, da máfia italiana de Boston. A Yakuza e o Cartel. Buscamos os mais perigosos, os mais poderosos.

Nossa família representa a Bratva.

Os irlandeses estariam lá, é claro. O clã McCarthy não perdia uma oportunidade dessas. Mas não foi o Keenan quem me incomodou, e sim o seu cachorro raivoso, o O'Rourke. Dizia-se que ele mantinha a Anissa por perto. E eu não gosto disso, porra.

"E de Londres, você vai para Dublin?", Rafail pergunta no meu ouvido.

Eu aceno.

Agora sei por que Rafail escolheu o dia de hoje para a minha marca. A notícia será divulgada de que dei o passo definitivo de lealdade. Minhas tatuagens contam uma história, mas a marca significa lealdade absoluta, prova de que sangrei e sofri. Arrependimento pelos crimes que meu irmão cometeu. Uma chance de renascer na liderança da Bratva.

Romper o *Vorovskoy Mir* é uma sentença de morte. Brutal, lenta e inescapável.

Anissa achou que era esperta, passando despercebida e circulando de um lugar para outro, mudando de identidade. Mas não importa se ela fez um juramento ou não — ela foi prometida à minha Bratva. Ela fugiu, e agora vou lhe ensinar exatamente o que acontece com noivas em fuga.

Ela não é apenas um alvo ou uma distração, um brinquedinho bonitinho para roubar o nome da família. *Não*. Ela é um desejo incontrolável sob a minha pele. Eu a perseguirei até os confins da Terra se for preciso.

Ela nunca fez um juramento, mas fugiu de uma promessa. Da minha família.

Isso a torna minha responsabilidade, minha obsessão. Meu desejo insaciável. Ela não é apenas uma noiva em fuga — ela é a garota que me tornou invisível, e vou gravar meu nome em sua pele como esta marca está gravada na minha.

Ela não pode fugir de nós duas vezes.

Todos, menos Rafail, vão embora enquanto eu recupero o fôlego. Tento fazer um jogo mental para superar a dor, mas não consigo. Então, fico ali, com ela, e deixo que ela me consuma.

Ele me encara. Às vezes, vejo meu primo. O cara com quem cresci, mais velho, que praticamente me criou quando meus pais não estavam por perto. Outras vezes, vejo meu *pakhan*. O rei implacável do submundo russo.

Meu *pakhan* está na minha frente agora.

"Quero entregá-la a você, Matvei", diz ele calmamente, mas a frieza em seu tom é inconfundível. "Você a mereceu. Mas não se engane. Se não conseguir trazê-la viva e sob seu controle... ela *será* eliminada. Se não for por nós, ela é um dos maiores alvos da Interpol."

Alguém assobia atrás de nós. Viro-me e vejo Rodion.

"Você acha mesmo que consegue domar essa aí? Ela vai cortar sua garganta antes de abrir as pernas."

E assim, de repente, minha obsessão se torna pessoal. Não se trata apenas de vingança.

Eu serei *dono* dela.

Depois que eu dei uma surra no Rodion.



CAPÍTULO 2

OceanofPDF.com

ANISSA

EU COLOCO meu longo cabelo castanho, a cor *do momento*, sobre meu ombro e levanto um pouco o queixo.

É difícil encontrar um espelho decente nesses pequenos pubs irlandeses. Sinto falta de Moscou. Minha família na Rússia leva a aparência muito mais a sério, e espelhos de corpo inteiro estão por toda parte. Pelo menos no meu apartamento aqui em Dublin — o pequeno apartamento que estou alugando porque não fizeram perguntas e eu pude pagar em dinheiro — eu tenho minha maquiagem. Aqui, vou me virar com o que tenho. Passo um gloss rosa e passo os dedos pelos cabelos longos. Loiro é minha cor natural, mas disfarces são minha especialidade.

Hoje, estou com roupas elegantes e confortáveis — nada muito restritivo. Preciso estar sempre pronta para correr. O tecido preto de spandex estica bem na minha bunda farta, a regata minúscula colada, um suéter branco enorme caindo de um ombro. Estou usando sapatilhas pretas minúsculas, daquelas caras que se dobram na mala e permitem que você corra se precisar. Joias de ouro completam o conjunto.

Olho as horas no celular descartável de hoje.

Ah, Cillian O'Rourke, você está cinco minutos atrasado. Isso vai te custar caro.

Vou até a pequena cabine nos fundos e rapidamente verifico todas as saídas. Atrás de mim, uma placa laranja de saída pisca, e já confirmei que leva a um beco.

"Desculpe o atraso, moça", diz O'Rourke, mas a expressão em seu rosto me diz que ele não está nem um pouco arrependido. Seu babaca mimado. Cillian é um dos mais jovens do clã McCarthy — primo ou irmão, não consigo contar. São muitos. Sua cabeça é raspada, com tatuagens da máfia irlandesa escorrendo pela lateral do pescoço e pelos ombros. Mesmo de moletom e jeans, ele não consegue esconder seu volume.

Seu olhar me percorre, demorando-se. Imagino se imagino aquele brilho em seus olhos. Não é profissional nem cortês, mas algo que não consigo identificar.

Mas estou solitário. E por um breve instante — o suficiente para tocar meu coração, mas não o suficiente para me envergonhar —, gostaria de ser uma figura mais permanente na Máfia Irlandesa. Dizem que os homens McCarthy são brutais, cruéis, antiquados e autoritários... mas são leais. Podres de ricos. Protetores. E sensuais como o pecado.

Mas eu não sou o tipo deles. Só trabalho para eles. Sou um contratado e nem sou tão bem pago porque o nosso acordo é simples: eles recebem minhas excelentes habilidades de falsificação em troca da proteção deles.

Às vezes, a capacidade de desaparecer não é o superpoder que parece. Cillian nunca pediu mais do que o meu trabalho, mas eu queria *mais*. Poder. Proteção. Talvez algo como devoção. Mas se algum deles estivesse interessado em mim, ele já teria agido há muito, muito tempo.

"O que você precisa, *rapaz*?", pergunto, abrindo o menor laptop conhecido pelo homem — pouco maior que um tablet.

Revirando os olhos com a minha zombaria do seu sotaque, ele me entrega um pedaço de papel, com os detalhes rabiscados a tinta. Na era digital, descobrimos que, às vezes, é mais fácil escrever rastros em papel. Vou literalmente queimá-lo depois de terminar. Dou uma olhada nas especificações e concordo.

"É possível. Posso entregar isso para você em 24 horas."

Como era de se esperar, ele franze a testa, seus lábios carnudos se contraindo nas bordas enquanto ele se inclina para frente, seus olhos fixos nos meus.

"Não *tenho* vinte e quatro horas, querida."

Solto um suspiro, reviro os olhos e balanço a cabeça. Claro *que* ele não faz isso, mas faz parte do meu poder de barganha.

Sua expressão está tensa, seu maxilar está tenso. Ele odeia ter que pedir, odeia não ser quem manda. Ah, bem, é uma pena ser ele.

"Me paga uma Guinness, e eu termino em quatro. Você vai ter que me arrumar uma pizza também."

É sempre a mesma coisa. Eles nunca têm tempo, nunca têm paciência. Tudo o que faço por eles precisa ser feito ontem.

Mas eles cumprem a parte deles no acordo, então eu cumpro a minha. Estou sob a proteção do Clã McCarthy desde que traí a Kopolov Bratva e fugi para salvar a minha vida.

Abro um navegador e começo a trabalhar. Ele se despede depois de me garantir uma Guinness e uma pizza de desculpa esfarrapada, entrando de hora em hora para ver como estão as coisas. Se ele não fosse um dos babacas mais assustadores que já conheci, o que é útil para uma garota como eu, eu não ia querer ter nada a ver com o desgraçado. Mas estar no bolso da Máfia Irlandesa é meu passaporte para a segurança.

Por enquanto. Quer dizer, uma garota tem aspirações.

Finalmente, entrego a ele tudo o que precisa para assumir uma identidade diferente na África do Sul, com um conselho não solicitado. "Tente diminuir o *sotaque*, Cillian." Balanço a cabeça. Nenhum documento perfeito apagará seu sotaque revelador. "Só... finja que é mudo ou faça um voto repentino de silêncio."

Ele resmunga e me mostra o dedo do meio. Que pitoresco. Ele está praticando.

São duas da manhã quando volto para o pequeno apartamento. Tomo meus remédios para dormir porque quero dormir de cara no chão e não acordar antes de ter dormido por *horas*.

Meus olhos estão turvos por falta de sono, mas ainda assim dou um jeito de ir ao banheiro, porque até uma nômade escondida precisa ter uma rotina de cuidados com a pele. Leva alguns minutos para os remédios fazerem efeito. Limpo, esfolio e hidrato, depois tiro a peruca e suspiro de alívio. É como tirar um sutiã no fim do dia. Sob a peruca, meu cabelo loiro está preso em um coque bagunçado. Eu o solto e o observo cair sobre meus ombros.

Suspiro. Assim está melhor.

Franzo a testa para meu reflexo quando algo chama minha atenção.

Espere um minuto.

Posso não ter uma residência permanente, mas tenho meus rituais e nunca coloco pasta de dente *lá*. Que tipo de pagão faz a tampa ficar de frente para a pia? Olho para o tubo e o toco com a ponta do dedo, como se esperasse que ele se levantasse e se movesse sozinho.

Eu estava tão distraído esta manhã que comecei a colocar as coisas no lugar errado?

Estou cansado. Droga, O'Rourke.

Vou abrir a porta do banheiro e congelar, com a mão na maçaneta de metal frio.

Espera.

Eu não penduro minha toalha atrás da *porta*. Eu a penduro no degrau ao lado da banheira para poder pegá-la quando tomar banho.

A pele da minha nuca se arrepiou. Será que eu não estava prestando atenção esta manhã? Ou será que tinha alguém... aqui?

Abro a porta do banheiro e chamo. "Alô? Tem alguém aí?" Como se alguém fosse aparecer magicamente do nada. Mesmo assim, espero uma resposta, mas quando não recebo nenhuma, não sei o que fazer.

Devo alertar o Cillian? Eu poderia ligar para os McCarthys se as coisas derem errado — se eu estiver realmente encrencado. Mas o que eu diria? *Alguém mexeu na minha pasta de dente e na minha toalha* ? Talvez eu esteja só sendo paranoico, mas e se não estiver? Mesmo assim, sem provas melhores, não posso dar o alarme falso. Não com essa turma. Balanço a cabeça e vou para o meu quarto. Fico parada na porta, estreitando os olhos e avaliando-a cuidadosamente.

Cama arrumada, barata, edredom creme esticado. Estação de carregamento acesa, pronta para meus aparelhos, persianas abaixadas uniformemente até três quartos do comprimento. Nem um sapato fora do lugar aqui. Frasco laranja de remédios para dormir com receita médica na minha mesa de cabeceira, exatamente onde os deixei depois de tomar o de hoje.

Tiro a roupa e pego o moletom na cômoda. Meus olhos estão pesados. Os remédios continuam fazendo efeito, mas algo parece estranho. Meus olhos estão mais pesados, meus membros como chumbo. Os comprimidos que tomo para dormir costumam ser mais sutis do que isso. Agora, sinto como se meu mundo estivesse mudando.

Fecho os olhos e deixo o sono me levar. Mas mesmo dormindo, sonho com becos escuros, chuva, passos... e uma voz grave chamando meu nome verdadeiro.

Anissa Laurent.

Faz tempo que ninguém me chama *assim* .

Anissa.

Eu me arrasto para a cama e durmo como uma pedra.

O toque estridente do meu telefone me acorda de repente. Minha cabeça lateja e o ar tem um cheiro... estranho. Por um momento, me assusto. Farejo o ar como um cachorro. Alguém esteve aqui?

Pisco com força e, por uma fração de segundo, juro que vejo uma sombra se movendo pela sala.

"Quem está aí?", grito para a escuridão. Mas quando pisco novamente, não há nada.

Balançando a cabeça, tento dissipar a névoa enquanto o telefone toca sem parar. Acordo assustado ao reconhecer o toque.

É do Undertaker. Se eu perder isso...

Meu coração dispara.

Pego o telefone e aponto para a tela. Estou enjoada, pensando que é tarde demais.

"Alô?" Minha língua parece muito grossa.

Uma pausa antes de ele dizer, em voz baixa e calma, que ainda me dá calafrios: "Essa foi por pouco, moça." A voz inconfundível do Coveiro — o filho mais velho de Keenan

McCarthy. Estremeço e fecho os olhos com força, dando um suspiro de alívio. Se eu tivesse perdido uma ligação *dele* ...

"É, bom, seu cara me deixou no pub até as duas da manhã, e eu finalmente consegui dormir." Finjo indiferença, mas minhas mãos estão tremendo.

"Ouvi falar disso", diz ele. "Mas você é necessária, moça. Temos um trabalho urgente no cais. Preciso de você lá em três horas. Você consegue?"

Ao telefone, ele faz parecer um pedido, mas eu sei a verdade. Se eu não for, eles vão me largar. Não tenho mais proteção. Ficarei exposto. Se eu recusar o trabalho, terei que fugir.

De novo.

"Qual é o problema?" Belisco a ponta do nariz, torcendo para que a dor na cabeça pare. Nunca tenho dor de cabeça. Que diabos?

Meu olhar se volta para o canto da sala — outra sombra na minha visão periférica. Mas quando olho novamente, não há nada.

O que diabos há de errado comigo?

Ele me conta tudo. Concordo com a cabeça e bocejo no viva-voz.

"Eu estarei lá."

"Use a loira", ele diz.

"Que porra é essa? Um dos seus homens tem uma tara loira?"

Não recebo ordens diretas deles.

"Isso é um problema?", ele pergunta com aquele jeito calmo que causa medo no mais calejado dos criminosos. "Digamos que você pode ter sido vista ontem à noite. Quero despistá-los. E, sinceramente, querida, você sabe que não deve me questionar. Te vejo em três horas. Mais precisamente, duas horas e quarenta e oito minutos."

A linha fica muda.

Coloco um timer no meu celular, dou um soco no travesseiro e jogo a cabeça para trás. Estou tão cansado.

Parece que se passaram minutos quando o alarme toca novamente. "Meu Deus. Estou tirando férias, e vocês estão pagando por isso", murmuro para o vazio. Felizmente, quando abro os olhos desta vez, as sombras desapareceram.

Que diabos aconteceu comigo? Tive os sonhos mais loucos e vívidos. Me sinto pior agora do que antes de dormir.

Vou cambaleando até a cômoda e abro a gaveta. Fico paralisada, com a mão pairando no ar.

Não é assim que eu dobro minhas roupas. Sou meticulosa, sempre na correria, então aprendi a dobrar minhas roupas em pacotinhos arrumados em fileira vertical na minha gaveta. Eu as dobro assim para poder fazer uma mala em questão de segundos. Elas estão na *horizontal* e todas fora do lugar. Organizadas, sim, mas não do jeito que eu as deixei.

Lambo os lábios e me viro para olhar meu quarto.

"Quem está aí?", grito na escuridão. Mas, assim como antes, não há resposta.

Alguém esteve aqui. Eu sei. Respiro lenta e cuidadosamente, com os dedos cerrados em punhos ao lado do corpo. Eu não fugi da existência controlada e miserável que tinha em Moscou e da ameaça de servidão à Bratva apenas para trocá-la por outra espécie. *Não*.

Mantenho meu coração batendo firme, meu olhar focado. Treinei-me para manter a calma sob pressão.

Expiro lentamente, forçando-me a pensar. Os irlandeses? Não. Eles precisam de mim. Eles me mantêm sob controle, mas não fazem esse tipo de joguinho. Se me quisessem morto por qualquer motivo, eu já estaria flutuando no Liffey.

Cillian não é um homem de sutilezas. Se ele me quisesse sob seu comando, me arrastaria para lá aos gritos e aos chutes. Não, isso parece coisa de outra pessoa.

Quem mais poderia ser? Uma invasão aleatória? Improvável. As saídas são muito bem guardadas.

Preciso pensar bem nisso. Sou eu quem vê os detalhes que ninguém mais vê. Sou eu quem tem habilidade para criar novas realidades. Eu apago identidades. Eu desapareço quando preciso.

Mas isso...

Um fantasma do meu passado?

Meu pai se foi e, mesmo que estivesse aqui, esse não seria seu estilo.

Os irlandeses?

Não. Eles precisam de mim. Balanço a cabeça e ando pelo meu apartamento. Estou aqui há apenas algumas semanas, mas arrumo tudo igual em todos os lugares que vou.

A sala parece ótima, mas me pergunto se deixei os livros que estava lendo no criado-mudo ou na mesa de centro. Balanço a cabeça e vou até a pequena cozinha. Abro a geladeira e olho. Parece normal.

Estou *perdendo* a cabeça. Não há nada para ver aqui.

Dou play na playlist do meu celular para criar um som de fundo enquanto vou me arrumar. Vou ao banheiro quando, de repente, minha playlist muda das minhas músicas de ninar habituais para algo... Russo?

É uma *canção de ninar russa* ?

Pego meu telefone.

Que porra é essa?

Não adicionei essa música à minha playlist.

Isso não faz sentido. *Alguém mexeu na minha playlist?* As playlists dão erro... certo?

Deus, estou entrando em pânico por literalmente nada.

Ninguém vai entrar aqui para me perseguir, trocar minha toalha e mexer na minha playlist. Não sou tão importante assim. Estou cansado, sobrecarregado e provavelmente preciso de uma bebida — talvez eu devesse encontrar um estranho aleatório num bar, dar um nome falso para ele, me divertir e tirar essa porra da minha cabeça.

Use a loira.

Preciso me arrumar. Mas quando vou cambaleando até o armário e vasculho tudo, minha peruca loira sumiu. Abro uma gaveta com meus acessórios e, aninhadas ali na minha frente, estão pequenas caixas brancas e rosa. Fico olhando.

Aquilo é... *testes de gravidez* ao lado da minha opala rosa ?

Que porra é essa?

Agora estou bem acordado, olhando fixamente para o armário.

Alguém esteve aqui.

Ontem à noite, me convenci de que era imaginação. Mas eu sei.

Eu *não* perco disfarces.

Eu não coloco minhas roupas na gaveta *desse* jeito.

Ah, seu safado atrevido. Quer brincar comigo? Você não tem ideia de com quem está se metendo.

Eu não fujo das sombras. Eu as estrago e enterro o que sobra.

Viro-me e encaro a sala como se meu perseguidor fantasma pudesse me ver e ouvir.

Mostro o dedo do meio para a sala.

"Vou descobrir quem você é e, quando descobrir, não vou simplesmente te matar. Vou apagar toda a sua existência deste planeta e fazer um projeto de arte com seus ossos.

Então, *foda-se.* "

Claro que não há resposta.

Olho para a janela, com meus instintos a mil. Sério, a ironia é forte.

fui eu quem desapareceu desta vez.

Alguém me encontrou. E eles estão se certificando de que eu saiba disso.



OceanofPDF.com

CAPÍTULO 3

OceanofPDF.com

MATVEI

ELA ESTÁ APRENDENDO. Mas não rápido o suficiente. Ela não está assustada o suficiente. Ainda não.

Boa menina.

Exatamente onde ela pertence. Na minha mira. Sob meu controle.

Estou ansioso para que isso aconteça, mas, por enquanto, estou gostando de mantê-la desequilibrada.

Já se passaram vinte e três dias.

Vinte e três dias desde que deixei Moscou e cheguei a Dublin. Faltam sete dias para Rafail se reunir com os outros homens convidados para formar a coalizão.

Se a aliança for oficialmente formada como planejado, Anissa estará sem sorte. Se os irlandeses concordarem com os termos, ela poderá se tornar moeda de troca ou ser eliminada para resolver pendências. Eles podem não precisar mais dela.

Eu não quero simplesmente levá-la. Tenho que chegar primeiro antes que outra pessoa decida o destino dela.

Fiquei de olho nela. Ela tornou tudo ridiculamente fácil.

O filho de McCarthy a chamou para fazer um serviço no cais, e eu sabia que ela suspeitava que eu estava lá. Vi o medo dela quando olhou para a toalha perdida. O jeito como olhou para a pasta de dente com curiosidade. Como se sentou na cama e ficou olhando para a playlist.

Ouvi a ameaça patética dela. Que fofura.

Não preciso me intrometer e forçar a mão dela. Um pouco de manipulação psicológica pode fazer toda a diferença.

Conheço as fraquezas dela. Sei do que ela gosta. Sei que ela valoriza a autonomia e um desafio, e que é muito habilidosa com falsificações e fala vários idiomas fluentemente.

Ela adora pizza e refrigerante diet como uma adolescente. Eu sei que ela se entrega a pornografia obscena e perversa.

Eu sei que ela traiu minha família.

O pai de Anissa arranjou seu casamento com Rafail. Ela o abandonou no *altar* no dia do casamento. E agora ela está conspirando com os irlandeses.

Não se trata apenas de vingança, mas de lealdade, uma prova da minha devoção à minha família. É algo pessoal.

A traição dela manchou a honra da minha família, e eu farei dela um exemplo.

Olho fixamente para as imagens que tenho dela no meu celular. Foi quase um golpe de sorte encontrá-la. Eu vinha procurando sem sucesso desde que ela escapou. Os irlandeses cobriram bem seus rastros, e eu não tinha motivos para suspeitar deles. Mas ela se tornou complacente demais com seus protetores irlandeses. Mal sabe ela que seu tempo com eles chegou ao fim.

Anissa usa perucas, muda a cor dos olhos com lentes de contato e tenta cobrir a pequena marca de nascença acima do lábio, sua única marca de identificação.

Fui eu quem montou o portfólio dela para o Rafail quando eles ficaram noivos. Fui eu quem o entregou ao meu irmão Gleb, que cuidou do resto, mas vi cada detalhe de quem ela era antes que ela desaparecesse incógnita.

E fui eu quem não deixou a traição dela passar. Não depois do que meu irmão fez. Não depois do que devo aos Kopolovs.

Então, uma noite, enquanto eu assistia a um vídeo envolvendo os irlandeses, vi a figura curvilínea de uma mulher que me pareceu um pouco familiar. Dei um zoom e não a reconheci, mas quando ela virou a cabeça, o luar brilhou em seus lábios. E eu sabia exatamente quem ela era.

Puxo meu gorro de tricô sobre a testa e caminho de cabeça baixa, subindo até o apartamento onde moro, bem ao lado do dela. Foi fácil... *convencer* os moradores de que precisavam ir embora... rápido. Foi moleza trocar o vidro atrás do espelho da parede dela e transformá-lo em um espelho de mão dupla. Trinta minutos depois, eu tinha o que precisava. Uma visão panorâmica.

Deixei-a sozinha por alguns dias de propósito. Quero que ela se questione, que se pergunte se imaginou tudo. Não preciso forçar a barra. Ainda não. Vê-la se desfazer? *Isso são preliminares.*

Deito-me na cama, observando-a enquanto ela anda pelo apartamento usando apenas uma calcinha justa e uma regata. Nossa, como ela é gostosa, toda curvas e covinhas.

Acaricio meu pau por cima da calça jeans, imaginando aqueles lábios me envolvendo, suas coxas tremendo enquanto eu demoro para marcar cada centímetro dela. Vou fazê-la implorar — não apenas por misericórdia — por *mim*. Sua barriga inchada com meu filho passa pela minha cabeça, e eu aperto meu punho com mais força, precisando — precisando saber que nenhum outro homem jamais a tocará novamente, porque ela já carrega meu sangue.

Passei semanas aqui em Dublin antes do nosso grande encontro, me misturando ao ambiente, usando minhas habilidades naturais para estudar minha presa. Ando pelas ruas da cidade sem chamar atenção. É fácil em um lugar como este, cheio de gente e comércio, turistas e famílias. Cabeça baixa. Não jogo conversa fiada. Encomendo mantimentos e evito ir às lojas, e não causo confusão por onde passo. Sou um cidadão modelo. Se alguém suspeitasse de quem eu realmente sou, meu senhorio idoso diria com tanta confiança: "Mas ele era um sujeito tão decente".

É ridiculamente fácil fingir ser normal e são.

Ela anda pelo apartamento, felizmente alheia a que está sendo observada — ajeita uma almofada, limpa um balcão. Perco-a de vista por um minuto quando ela vai para a cozinha, mas ela volta mais tarde com um pote de sorvete de chocolate, senta-se no sofá e pega o celular, dando grandes mordidas de sorvete sem pensar. Quando uma gota cai em seu lábio, sua língua a lambe rapidamente.

Porra. Estou duro pra caralho olhando para ela.

Abro o zíper da minha calça e acaricio meu pau, hipnotizado enquanto ela mexe no celular até encontrar algo, se inclinar para trás e observar. É difícil vê-la desse ângulo.

Pego o cachecol que roubei dela, junto com a peruca loira, um sabonete e uma de suas blusas. Inalo seu perfume — leve e quase picante, com um toque cítrico. Já a vi revirando o apartamento, procurando por eles, mas depois de alguns dias de descanso, ela desiste.

Se ela tivesse ideia de quão perto estou dela enquanto ela está aqui, debaixo do meu nariz, caminhando livre sob a proteção dos irlandeses...

Ela se tornou complacente com eles. Por quê?

Talvez ela pense que os irlandeses são apenas clientes comuns como qualquer outro. Talvez ela não saiba do que eles são capazes.

É isso que me incomoda. Ela está à vontade demais, transitando pelo mundo deles como se pertencesse a ele. Mas há algo mais — algo que me revira as entranhas.

Nenhum deles a toca. Nunca. E eles são como nós — em idade de casar e precisando de esposas. Keenan McCarthy deu continuidade à tradição familiar de casamentos arranjados.

Eu a observei interagir com eles. Os homens a respeitam. Conversam com ela, brincam com ela, mas não se aproximam muito. Não como fariam com uma mulher que dizem ser sua. Não como fariam se ela pertencesse a um deles.

Ótimo. Matar um deles acabaria com aquela aliança.

Ela se mexe no sofá, esticando-se e, em seguida, curvando as pernas nuas sob o corpo. Então, do nada, eu vejo — algo que eu não esperava.

Ela ri. Não é uma risada forçada ou daquelas entrecortadas que se dá quando se quer manter as aparências. Não. Uma risada de verdade. Sua cabeça se inclina para trás, seus lábios se abrem, e o som é suave. Despreocupado. *Real*. Não me lembro da última vez que ouvi alguém rir com tanta entrega, com tanto espanto e humor irrestrito.

Ela ri assim com os irlandeses? O ciúme me invade e meu peito aperta. Durante semanas, observei-a — cuidadosa, calculista, sempre de olho. Mas agora, ela parece... *livre*.

Ele evapora rapidamente, mas uma parte estranha de mim quer segurá-lo, juntá-lo em minhas mãos e guardá-lo em segurança em um pote onde eu possa guardá-lo fora do alcance. Mas assim que chega, ele desaparece.

Ela balança a cabeça, ainda sorrindo para qualquer coisa que a tenha divertido no celular, antes de fazer algo que me destrói completamente.

Ela pega um cobertor fofo, cor de blush, dobrado aos pés do sofá, abre-o e o puxa sobre si. Observo enquanto ela o acaricia como se estivesse em busca de conforto. Como se estivesse segura.

Ela se balança e seus olhos se fecham. Imagino se ela está tocando música quando a vejo balançando levemente. Ela não está em guarda, mas... vulnerável.

Por uma fração de segundo, uma voz no fundo da minha mente sussurra: e se ela *não for* o que dizem? E se ela não for nossa inimiga? E se...

Não. Afasto o pensamento o mais rápido que me vem à mente. A evidência está bem na minha cara. Ela é uma mentirosa. E agora ela é minha.

Meu pau lateja e meu maxilar se contrai. Segurança é uma ilusão.

Ela não *consegue* se sentir segura. Não quando ela fodeu com a minha família e faria isso de novo.

Não quando ela me pertence.

Aperto meu pau com mais força, arrastando o punho lenta e deliberadamente, a respiração ofegante. Imagino-a embaixo de mim, frenética, a respiração desesperada enquanto implora por mim. Minha mão livre agarra a ponta do cachecol, pressionando-o contra o rosto para inalar seu cheiro como uma viciada. É macio entre meus dedos, mais macio do que eu esperava. Imagino que ainda retém seu calor, e enterro o rosto

nele, apertando-o com mais força. Sacudo meu pau, gemendo contra o tecido como um animal.

Ela deveria ser minha. Ela deveria estar encolhida na minha cama, debaixo dos *meus* lençóis... debaixo de *mim*. Não brincando de casinha com o maldito irlandês.

Observo-a se espreguiçar novamente, dar outra mordida e se acomodar sob o cobertor. Ela se mexe, aprofundando-se, e eu também me mexo, apertando-a com mais força. Ela lambe o resto do sorvete da colher, e meu punho a acaricia com mais força. Ela lambe, e eu a acaricio.

Lamber.

AVC.

Lamber.

AVC.

É obsceno o jeito como nos movemos juntos, e ela nem imagina que estou aqui. Ela suspira e morde o lábio.

Se ela soubesse o que estava fazendo comigo, diminuiria a velocidade da língua? Ou lamberia mais rápido, me provocando?

Gozo com tanta força que mordo o cachecol dela entre os dentes como se fosse um pedaço. Imagino marcá-la.

Ela não tem a mínima ideia de quem eu sou.

Mas ela vai.

Ela irá.

A guarda dela está baixando.

Está na hora.

Ela é minha.



CAPÍTULO 4

OceanofPDF.com

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Unhinged: A Dark Mafia Stalker Romance..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).